



O QUE SE PASSA ENTRE PSICANALISTAS E COMUNIDADES?

André Gomes Pacheco, Camila Mendes Gonçalves Issa,
Kamila Kamel Fahs, Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar os caminhos de estudo realizados pelos membros do grupo de pesquisa que se intitulou "*O que se passa entre psicanalistas e comunidades?*". Inicialmente, parte-se de uma investigação sobre como a política se inscreve nas instituições de psicanálise, sobretudo no que se refere à formação do psicanalista. Abrem-se, então, questões relativas à especificidade da psicanálise, o que, por sua vez, leva a uma reflexão sobre o que se entende por psicanálise e por psicanalista. Um problema, contudo, coloca-se em curso quando esta especificidade se perde e passa a ser tomada enquanto excepcionalidade. Diante disso, levanta-se a possibilidade de um entendimento mais permeável para o que se tem como o “dentro” e o “fora” da psicanálise, em um movimento de abertura à insuficiência e ao fracasso que permitiria dar pouso à psicanálise.

Palavras-chave: formação do psicanalista, instituição, teoria psicanalítica, política.

São Paulo
2024



WHAT PASSES BETWEEN PSYCHOANALYSTS AND COMMUNITIES?

André Gomes Pacheco, Camila Mendes Gonçalves Issa,
Kamila Kamel Fahs, Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira

Abstract: This text aims to present the pathway taken by the members of the research group named '*What passes between psychoanalysts and communities?*'. We embark on an investigation into how politics inscribes itself in psychoanalytic institutions, mainly regarding the psychoanalyst's training. We then face questions related to the specificity of the psychoanalysis, which in turn takes us to a reflection on what is understood as psychoanalysis and psychoanalyst. We encounter a problem when this specificity is lost and is taken as exceptionality. In view of this, we raise the possibility of a more permeable understanding of what is considered the 'inside' and the 'outside' of psychoanalysis, in a movement of opening towards insufficiency and failure that would allow for the grounding/sheltering of psychoanalysis.

Keywords: psychoanalyst training, institution, psychoanalytic theory, politics.

São Paulo
2024

Abertura¹

Este grupo teve início informalmente, em uma mesa de bar. O ano era 2019 e algumas pessoas saíram para beber e conversar após uma reunião do Instituto Vox. Na ocasião, um integrante do grupo perguntou a outro: “Você sente que está se tornando mais ‘reaça’ conforme segue atendendo em consultório?” A resposta foi um desconfortável “talvez”. A ideia de tornar-se mais reacionário espantava. Contudo, o desenrolar da conversa deixou claro que ambos os presentes não olhavam com muito otimismo para um tipo de politização da clínica que teria levado alguns colegas analistas a uma tentativa de virar votos de pacientes durante a dramática eleição presidencial de 2018, da qual Bolsonaro saiu eleito presidente. Em tom de brincadeira, um dilema foi formulado: “vira voto ou vira reaca”, uma espécie de atualização de “a bolsa ou a vida” para o Brasil de então. Nenhuma das duas opções agradava.

A conversa de bar foi retomada em 2020. No início da pandemia, a dupla que protagonizou aquela cena convidou mais alguns colegas para estudar a relação entre psicanálise e política. Iniciamos, então, a leitura e discussão do livro *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*, de Vladimir Safatle. Essa leitura nos levou a outras, bem como a outras discussões. Nos encontrávamos quinzenalmente, André Pacheco, Camila Issa, Kamila Fahs e Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira. Finalmente chegamos ao livro *A Etificação da Psicanálise: Calamidade*, de Jean Allouch, que retoma o caso Amílcar Lobo, médico que atuou como torturador durante o último regime ditatorial brasileiro, na Casa de Petrópolis, enquanto também fazia sua formação como psicanalista nos quadros da IPA no Rio de Janeiro. Quando veio à tona, o caso Amílcar Lobo suscitou toda uma série de questionamentos, dos quais destacamos dois: a) Pode um torturador ser analista? b) Que relação há entre o “analista pessoa física” e o “analista função”, ou seja, aquele que ocupa um lugar durante o transcorrer de uma análise?

A leitura de Allouch representou uma espécie de ponto de virada. Se antes pensávamos na relação entre psicanálise e política, agora nos deparamos com a

¹ Texto apresentado no encontro de encerramento da pesquisa, no dia 18 de maio de 2024 na sede do Instituto Vox, tendo como comentador externo o psicanalista Marcelo Checchia.

política na psicanálise e, particularmente, com a política nas instituições psicanalíticas.

A discussão sobre as instituições psicanalíticas nos levou até a questão da formação do e da psicanalista. Quer dizer: o que ou quem, em uma sociedade, define aqueles que “legitimamente” ocuparão o lugar de psicanalista? De que legitimidade se trata e que usos são feitos dela? Quais critérios precisam ser atendidos, segundo quem? O que faz e perfaz o e a psicanalista?

No fim de 2021, com um percurso de encontros online e essas questões de fundo, formalizamos a inscrição de um grupo de pesquisa junto ao Instituto Vox, com o título “O que se passa entre analistas e comunidades?”. Nossa proposta era abordar a questão da formação do e da psicanalista a partir de dois textos de Lacan: “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (nos *Escritos*) e “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (nos *Outros Escritos*). Desde o início do grupo de pesquisa, passaram-se pouco mais de dois anos. Nesse meio-tempo, o grupo passou pela leitura de outros autores (Freud, sim, além de trabalhos de Mauro Mendes Dias, Alain Didier-Weill, Marco Antonio Coutinho Jorge e Dominique Fingermann, entre outros), bem como pela leitura de relatos de passe e de outros textos de Lacan.

O título “o que se passa entre psicanalistas e comunidades” é propositalmente ambíguo. Com “comunidades” no plural, referimo-nos tanto às comunidades psicanalíticas quanto às comunidades “externas” à psicanálise, comunidades extra-analíticas, digamos assim. “O que se passa”, por sua vez, diz tanto do que acontece agora, da situação atual, como do que se transmite (via o dispositivo do “passe”, mas não somente).

Esta passagem é em si mesma objeto de questionamento, dado que se refere pelo menos a dois lugares e a um trânsito entre esses dois lugares. Aqui, não parece exagero lembrar do conceito de transferência em alemão: *Übertragung* é o substantivo do verbo *übertragen*, relativo a levar de um lugar a outro (sem mudança da forma exterior), a transferir uma soma de dinheiro para outra conta (WAHRIG-BURFEIND, 2011). No entanto, encontramos, de saída, um problema, se pensarmos nesses dois lugares como sendo um “dentro” e um “fora”. Assim sendo, quem estaria dentro da psicanálise e quem estaria fora? Quem pertence ao conjunto

de psicanalistas, ou pode pertencer a ele, e quem não pode? O que autoriza que possamos dizer que pertencemos a tal conjunto, e o que autoriza dizer que determinado conjunto constitui psicanálise?

Essas perguntas são especialmente sensíveis para o campo lacaniano. Antes de Lacan, a psicanálise, bem ou mal, estruturava-se em torno de Freud. Em vida, Freud podia dizer: isto não é psicanálise. Em “Contribuição à história do movimento psicanalítico”, ele, inclusive, chega a dizer que “ninguém pode mais do que eu saber o que é a psicanálise, como ela se distingue de outras maneiras de estudar o inconsciente e o que merece ter seu nome ou deveria receber outra designação” (FREUD, 1914, p. 246).

No texto mencionado, Freud também não hesita em valer-se de sua autoridade para dizer que figuras como Adler e Jung estão “fora”. Não são psicanalistas; desviaram-se do caminho direito que Freud, mais tarde, chamaria de “psicanálise rigorosa e não tendenciosa” (FREUD, 1919, p. 292).

Morto, é em nome dele, Freud, que muitas vezes se fala; a IPA se colocando como a herdeira direta do movimento por ele fundado. Não à toa, um dos modos de configuração dos debates no meio psicanalítico é a disputa da herança - e do lugar de herdeiro - legítima de Freud. Seu espólio, portanto; poder ocupar o lugar *de direito* de dizer quem é psicanalista, e quem deve ter outra designação, como visto acima. Em certo sentido, fazia-se valer a pertença a uma instituição como condição necessária e suficiente de “ser” psicanalista.

O rompimento de Lacan com a IPA trouxe algo inédito para o campo psicanalítico. Pela primeira vez, há uma figura de peso que concomitantemente, está “de fora” e se afirma psicanalista. É fato que a história desse rompimento é tortuosa e que Lacan, por diferentes meios, buscou insistir em permanecer dentro da IPA. Ao fim, contudo, há um fracionamento sem precedentes nisso que seria o “conjunto psicanálise”, com os seus respectivos interior e exterior. Passamos então a ver analistas “de fora” dizendo que estão “dentro”, ou mais “por dentro” de Freud, do que aqueles que estavam na instituição pioneira legada pelo pai fundador. Muito rapidamente, questões teóricas, clínicas e epistemológicas tornam-se também questões institucionais.

Comunidade analítica, comunidade específica

Não se pode contestar que a psicanálise tenha se estabelecido, desde o início, como uma abordagem do sofrimento humano que se distingue da psicologia e da psiquiatria, não se constituindo enquanto subtipo ou extensão de nenhuma dessas disciplinas.

Em mais de uma ocasião, Freud argumenta nessa direção. Em “A questão da análise leiga”, por exemplo, ele se opõe à ideia de que a psicanálise possa um dia se transformar em apenas uma especialização médica. Para Freud, “o médico recebeu uma formação que é mais ou menos o oposto do que ele necessita como preparação para a psicanálise” (FREUD, 1926, p. 190). Mais adiante, nesse mesmo texto, Freud enfatiza: “não deve exercer a psicanálise quem não tenha adquirido o direito de fazê-lo, mediante formação específica” (Ibid., p. 195).

Há, portanto, um específico em cena. Considerá-lo não é sem consequências, uma vez que tal delimitação implica, em última instância, no estabelecimento do que é ou não psicanálise, e, por conseguinte, na definição de quem é ou não psicanalista.

Em outros termos, podemos pensar em quem autoriza alguém a praticar a psicanálise. Quanto a isso, a obra de Lacan apresenta, mais uma vez, uma rachadura decisiva. “Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo” (LACAN, 1967, p. 248). O conhecido aforismo representa um verdadeiro furo no que tradicionalmente seria lido como o dentro e o fora da psicanálise, ainda que, ocasionalmente, Lacan complemente a frase citada fazendo menção à autorização de “alguns outros”.

Amplia-se, com isso, a necessidade de reflexão sobre o que seria a especificidade de nossa prática. Dispensar tal reflexão seria arriscar fazer de nossa distinção distância. “Como não haveríamos de ficar satisfeitos com esse efeito de segregação intelectual como um fruto da distância que mantemos pela incomunicabilidade de nossa experiência?” (LACAN, 1956, p. 462).

Um segundo risco, associável ao prévio, seria o de se confundir distinção com altivez. Nesse sentido, a psicanálise só é “distinta” por ser entendida enquanto a prática de um grupo seletivo. Converte com isso a observação de Mieli de que, em determinados contextos, a *seleção* de candidatos considerados “aptos” configura-se como o fator primordial para a formação de novos psicanalistas. “A seleção com base em uma ‘aptidão para a formação psicanalítica’ (...) é, entre outras coisas, paradoxal, pois traduz uma desconfiança com o processo psicanalítico: se acreditamos na eficácia da análise, porque uma pessoa não estaria ‘apta’ após sua própria experiência analítica?” (MIELI, 2004, p. 62)

Mas é possível, por outro lado, pensar em nossa distinção a partir de um específico teórico. Nesse sentido, se por um lado operamos sob uma base tão racionalizável quanto outras ciências, por outro lado estamos interessados em não excluir a particularidade do sujeito. Sendo assim, a psicanálise se diferencia quando trata o sofrimento humano incluindo a verdade e o desejo subjetivos. Estamos, portanto, afeitos a algo do singular e do particular. O “caso a caso”, todavia, não dispensa uma teoria que dê sustentação a essa prática.

Do mesmo modo, não podemos desconsiderar a existência de pluralidades internas tão intensas que o estabelecimento de um mínimo comum na comunidade psicanalítica torna-se tarefa quase impossível. Zygouris, em entrevista à revista *Percurso*, faz menção a tal dificuldade:

O que resta em comum entre a prática da psicanálise pelos analistas da Cause Freudienne e aquela dos analistas kleinianos, ou ainda dos pós-lacanianos, dos pós-kleinianos, dos alunos de Bion e dos freudianos ortodoxos? Às vezes, temos a impressão de que termos como o inconsciente, a transferência, a pulsão ou a repetição – supostos conceitos fundamentais da psicanálise – recobrem conteúdos semânticos e tratamento clínico tão díspares que eles representam exclusivamente apelações formais idênticas (ZYGOURIS, 2010, p. 04)

Complementando o exposto, vale lembrar que a confusão em torno dos conceitos apontada por Zygouris é facilmente constatada também entre aqueles que estão alinhados a uma mesma corrente de psicanálise ou filiados a um mesmo autor ou a uma mesma instituição psicanalítica.

Dito isso, retornemos aos anos 1950 para acompanharmos a maneira como Lacan abordou algo da especificidade teórica da psicanálise.

Conceito, preceito

Já no início de “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, Lacan mobiliza as noções de conceito e preceito para expor o caráter limitado do que se sustentava então como legítima continuação de Freud. “Por muito tempo confinados em nossa experiência, vimos que ela se esclarecia ao fazer dos termos em que Freud a definiu o uso que lhes convém, não como preceitos, mas como conceitos” (LACAN, 1956, p. 451).

De saída, portanto, há uma crítica àqueles que se orientavam na psicanálise por meio de preceitos, tomando-a pela via da norma e da ordem. Para Lacan, a sobrevivência da descoberta freudiana seria antes o produto de um trabalho conceitual do que o resultado da preservação de técnicas como a “contagem dos minutos passados pelo analista em sua poltrona” (Ibid., p. 467).

Preceito e conceito aludem, portanto, a um “duplo processo” problemático detectado por Lacan em 1956. Por um lado, constata-se a conservação da psicanálise enquanto um conjunto de prescrições. “As formas do ritual técnico valorizam-se proporcionalmente à degradação dos objetivos” (Ibid., p. 467). Por outro, haveria um descaso dos psicanalistas para com os conceitos que orientariam esta prática.

Para descrever a degradação conceitual na psicanálise, Lacan se utiliza de mais de um caminho. Primeiro, comenta sobre termos utilizados pelos analistas pós-freudianos de maneira inapropriada, começando pela noção de frustração:

Em vão se buscaria o menor vestígio desse termo em toda a obra de Freud: pois nela encontraríamos somente motivos para retificá-lo pelo termo Versagung, que implica renúncia (...). Hérnia central (...) de uma discordância difusa e da tal monta que, com efeito, sendo os termos freudianos (...) deixados como estão é, em relação a cada um, quando deles nos servimos, uma outra coisa que se designa (Ibid., p. 463).

Em seguida, Lacan aponta para certa contaminação dos conceitos psicanalíticos pelo senso comum, fenômeno que ocorreria também em outras disciplinas. Como exemplo, cita os termos “resistência” e “transferência”.

Esses conceitos, poderosamente articulados entre si, não correspondem a nada que se dê imediatamente à intuição. Ora, esta é precisamente o que se substitui a eles ponto a ponto, através de uma aproximação que só pode ser grosseira, e tal que podemos compará-la ao que é a ideia de força ou de onda para alguém que não tenha noção alguma de física (Ibid., p. 463).

Mas haveria ainda um terceiro ponto: a criação desregrada de novos conceitos, verdadeiros “devaneios psicológicos” ou “variações da moda”. “Elas são pouco notadas por seus adeptos, sempre cativados pela mais recente: o esgotamento das fantasias, a regressão instintiva, a desarticulação da defesa, o enxugamento da angústia, a liberação da agressividade, a identificação com o eu forte do analista” (Ibid., p.465), dentre outras.

As inovações acima descritas poderiam nos dar a impressão de que a teoria psicanalítica da época estaria em pleno movimento. Entretanto, Lacan argumenta que:

Se (...) as variações que mostramos nas abordagens teóricas da psicanálise dão a impressão externa de uma progressão conquistadora, sempre na fronteira de novos campos, é ainda mais impressionante constatar como é estacionário o que se articula de ensinável, para uso interno dos analistas, em relação à enorme quantidade de experiência que, por assim dizer, passou por suas mãos. (Ibid., p. 492)

Apela-se, então, a uma (re)tomada da psicanálise pela via dos conceitos originais. Um “retorno a Freud”, portanto. Aqui, no entanto, esse retorno é qualificado: não se restringiria a uma busca por preceitos norteadores, sob o risco de a psicanálise tornar-se outra coisa. Essa coisa, psicanálise, define-se como? E como responder a tal pergunta sem conceitos, ou seja, sem um referencial teórico específico?

Sem dúvidas, seria legítimo argumentar que o “retorno a Freud” proposto por Lacan se dá sob lentes próprias. De fato, a utilização dos registros real, simbólico e imaginário (“os três de Lacan”) parece ser a ferramenta privilegiada pelo francês em

tal retorno. A título de exemplo, destacamos a passagem a seguir: “Ao insistir em que a análise da neurose fosse sempre reconduzida ao nó do Édipo, ele [Freud] não almejou outra coisa senão garantir o imaginário em sua concatenação simbólica” (Ibid., p. 466).

Lacan sustentará, então, uma abordagem da psicanálise alinhada não com o materialismo naturalista, mas sim com o “materialismo freudiano, que, longe de nos despojar de nossa história, assegura-nos sua permanência em sua forma simbólica, fora dos caprichos de nosso assentimento” (Ibid., p. 468):

Um psicanalista deve assegurar-se nessa evidência de que o homem, desde antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela se bordasse a história. (...) Essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma do inconsciente. (Ibid., p. 471)

Para o Lacan de 1956, os pós-freudianos teriam deixado de lado essa dimensão simbólica, chafurdando em um dualismo que ora fez “do imaginário um outro real”, ora encontrou “nele [imaginário] a norma do real” (Ibid., p. 466).

Apesar dessas críticas, Lacan faz um contraponto: “Não é, de fato, que o rigor conceitual e a elaboração técnica não sejam encontrados nos trabalhos psicanalíticos. Se são esporádicos ou ineficientes ali, é por um vício mais profundo, e ao qual os preceitos da prática conduziram por uma confusão singular” (Ibid., p. 464).

Na sequência à passagem anterior, Lacan irá destacar a associação livre e a atenção flutuante como dois preceitos psicanalíticos que possuem como ponto comum a preconização de uma mesma “atitude assistemática”. “Esses dois preceitos, entre os quais por assim dizer se estende o estofo da experiência, valorizam suficientemente, parece, o papel fundamental do discurso do sujeito e de sua escuta” (Ibid., p. 464).

Tais preceitos teriam viabilizado uma colheita de dados inédita: de um lado, nunca se deu às bocas permissão para tantas divagações; de outro, os lapsos nunca teriam sido “tão oferecidos ao orifício de um ouvido” (Ibid., p. 464).

Há, enfim, uma expansão e popularização da psicanálise que parece trazer à cena uma outra questão: “o paciente, em pouco tempo tão a par desse saber quanto eles próprios [analistas], serviu-lhes, inteiramente pronta, a interpretação que era tarefa sua, o que, deve-se dizer, é realmente a artimanha mais constrangedora que se pode infligir a um áugure” (Ibid., p. 464).

Frente ao risco de diluição associado à disseminação da psicanálise, os psicanalistas parecem ter encontrado uma saída que, na visão de Lacan, corrobora ainda mais com a degradação da psicanálise.

Eis por que inventaram para si um terceiro ouvido, supostamente convocado a percebê-lo [o discurso] sem intermediação. E, para designar esse imediatismo do transcendente, nada se poupou das metáforas a partir do compacto: o afeto, a vivência, a atitude, a descarga, a necessidade de amor, a agressividade latente, a armadura do caráter e o ferrolho da defesa (Ibid., p. 465).

Recorre-se, portanto, a um elemento transcendente, em uma expectativa ilusória de manter a psicanálise sob jugo do psicanalista. Lacan nos lembra, contudo, que “se pudemos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo” (Ibid., p.462). Em outras palavras, aquilo que se entende por psicanálise definirá o que faz o psicanalista, e não o contrário.

O “terceiro ouvido” a que recorrem os pós-freudianos remete, então, a um transcendente que leva a psicanálise a uma aproximação perigosa com uma inespecificidade. Em sua tentativa de dar tratamento para tal situação, Lacan lança mão de um outro terceiro: “a ordem simbólica exige pelo menos três termos, o que impõe ao analista não esquecer o Outro presente entre os dois que, pelo fato de estarem ali, não envolvem aquele que fala” (Ibid., p. 466). Aquele que fala, portanto, é Outro.

Parece-nos que a inclusão desse terceiro nos termos propostos por Lacan reduz, em vez de ampliar, o campo de ação da psicanálise. Tal operação de redução viabilizaria uma abordagem mais rigorosa ao abundante material proveniente de um discurso. “O estudo da determinação simbólica permitiria reduzir, se não ao mesmo

tempo destacar, o que a experiência psicanalítica fornece de dados positivos: e isso não é pouca coisa” (Ibid., p. 475).

O terceiro, portanto, não é aqui trazido à cena na mesma chave disso que Lacan colocou como “terceiro ouvido”. Este último nos lançaria ou na ilusória expectativa de tudo ouvir (e compreender) ou a uma forma de transcendência (como um “terceiro olho”) muito afeita ao estabelecimento de um inalcançável que certamente pode se colocar a serviço de hierarquias e silenciamentos.

Que necessidade pode ter o analista de um ouvido a mais, quando às vezes parece ter dois de sobra, ao enveredar a todo vapor pelo mal-entendido fundamental da relação de compreensão? (...) Nós repetimos a nossos alunos: ‘Abstenham-se de compreender!’. (...) Que um de seus ouvidos ensurdeça, enquanto o outro deve ser aguçado. E é esse que vocês devem espichar na escuta dos sons ou fonemas, das palavras, locuções e frases, sem omitir as pausas, escansões, cortes, períodos e paralelismos, pois é aí que se prepara a literalidade da versão sem a qual a intuição analítica fica sem apoio e sem objeto (Ibid., 474).

É sob o literal, portanto, que se apoia a psicanálise. É este o alvo de nossa atenção flutuante. Isto não quer dizer que o psicanalista precise “tomar banhos de poesia macarrônica ou lições de tablatura das artes cortesãs” (Ibid., p. 469). Por outro lado, “seria possível impor-lhes um rudimento que os formasse na problemática da linguagem, o bastante para lhes permitir distinguir o simbolismo da analogia natural com que habitualmente o confundem. Esse rudimento é a distinção entre o significante e o significado.” (Ibid., p. 469).

A leitura de Lacan dos conceitos freudianos se dá, então, com o acionamento de conceitos novos, caso das noções de significante e significado derivadas da linguística saussureana. Sendo assim, o retorno a Freud não é proposto enquanto uma “manutenção de seu pensamento na íntegra” (Ibid., p. 476) – tarefa esta que deu origem à IPA. A continuação da obra de Freud poderia, então, ser interpretada ou como a perpetuação de uma identidade ou como extensão de uma invenção. E se a primeira alternativa pode ser resolvida por meio da instauração de preceitos, a segunda só se viabiliza com o uso rigoroso de conceitos.

Não há de se ignorar que Lacan escreve “Situação da psicanálise em 1956” por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Sigmund Freud.

Quem quer uma psicanálise viva há de concordar que a proposta de continuação de um campo de saber como simples manutenção do mesmo carrega algo de mórbido. Em contrapartida, o retorno a Freud é, potencialmente, vivificante e dignificante: “a operação do despertar, conduzida com as palavras retomadas do Mestre numa ressurreição de sua Fala, pode vir a se confundir com o oferecimento de uma sepultura decente” (Ibid., p. 490).

Aqui, como em outros lugares, Lacan sai em defesa de uma atenção à literalidade. Atentemo-nos ao texto freudiano, bem como ao texto que se desenrola na clínica. Cabe pontuar, contudo, que o trabalho sobre o texto a partir da perspectiva lacaniana não se confundiria com uma busca por sentidos ocultos. De fato, na medida em que se postula a primazia do significante sobre o significado, o interesse pela compreensão e pelo sentido tendem a diminuir.

Somente a psicanálise está em condições de impor ao pensamento esta primazia, demonstrando que o significante prescinde de qualquer cogitação, até mesmo das reflexivas, para exercer indubitáveis reagrupamentos nas significações que subjagam o sujeito e mais ainda: para se manifestar nele mediante a intromissão alienante da qual a noção de sintoma adquire na análise um sentido emergente – o sentido do significante que conota a relação do sujeito com o significante (Ibid., p. 470).

É, portanto, a partir de certas coordenadas teóricas que chegamos a um específico, a algo a que “somente a psicanálise” teria condições de realizar. A teoria psicanalítica nos adverte dessa diferenciação entre significante e significado, assim como estabelece a hipótese de existência de uma forma peculiar de saber: saber do não-sabido.

Se, de fato, um analista possui esse conhecimento sobre o inconsciente e sobre o caráter inconsistente da linguagem e do Outro, é de se esperar que ele possua, igualmente, uma abertura para a inespecificidade. Pois, sim: é preciso falar de conceitos e de suas especificidades. Mas, sendo a linguagem uma operação que deixa restos, haverá sempre algo que escapa ao conceito. Nessa direção, temos que lembrar que não há conceito fechado, pleno de sentido. Os conceitos, assim como as palavras, movimentam-se.

Lacan mostra-se atento a isso quando, mais ao fim de “Situação da psicanálise em 1956”, faz uma provocação denotando que a própria deterioração da

teoria psicanalítica ao longo de sua história seria uma forma indireta de comprovar sua teorização sobre o significante:

Se não tivemos medo de mostrar as forças de dissociação a que está submetida a herança freudiana, destaquemos a notável persistência da qual a instituição psicanalítica deu provas. Não temos nisso tanto mérito na medida em que não encontramos em nenhum outro lugar uma confirmação mais patente da virtude que atribuímos ao significante puro. Pois, no uso que é feito dos conceitos freudianos, como não ver que a significação deles não serve para nada? (Ibid., p. 489).

Diante das questões enumeradas, não é supérflua a exigência de “uma formação que reserve à linguagem seu papel substancial. Isso é o que Freud formula expressamente no programa de um Instituto ideal” (Ibid., p. 475). Entretanto, segundo Lacan, “nada, em nenhum dos Institutos decorrentes de uma afiliação que se apoia no nome dele, jamais foi sequer esboçado nesse sentido” (Ibid., p. 476).

Somado a isso, uma problemática defesa da desintelectualização seria perceptível enquanto ideal na formação dos analistas.

E é aqui que só podemos alarmar-nos com alguns ideais que parecem prevalecer na formação destes: como o que é suficientemente denunciado (...) pelo termo desintelectualização. Como se já não fosse assustador que o sucesso da profissão analítica lhe tenha atraído tantos adeptos incultos, será que convém considerar como um resultado tão fundamental quanto benéfico da análise didática que até mesmo a sombra de um pensamento seja proscrita daqueles que já não teriam muito de toda a reflexão humana para enfrentar as intempestividades de toda sorte a que suas melhores intenções o expõem? (Ibid., p. 494)

Aqui se nota, então, uma espécie de rechaço ao pensamento. Essa aversão também fica evidente nas críticas dirigidas a Lacan que o acusavam de intelectualismo. Em 1957, ele diz:

(...) quero dizer aos que me ouvem em quê eles hão de reconhecer os maus analistas: é no termo de que eles se servem para depreciar qualquer pesquisa técnica e teórica que siga a experiência freudiana em sua linha autêntica. Trata-se da palavra intelectualização (...) --- (LACAN, 1957, pg. 527).

Sem dúvidas que algum trabalho intelectual se faz necessário para uma comunidade de psicanalistas disposta a trabalhar não somente com preceitos, mas,

acima de tudo, com conceitos. E, certamente, uma prática psicanalítica que se fundamenta primordialmente em preceitos corre o risco de cair em um tecnicismo acéfalo; não à toa, Lacan fala em uma espécie de analfabetismo (LACAN, 1956, p. 485) como um dos possíveis problemas com os quais a IPA poderia se deparar.

Diante disso, é lícito afirmar que a psicanálise aos moldes lacanianos teria tudo para, efetivamente, ser mais livre em sua técnica (ou em sua “tática”). Contudo, o trabalho em torno dos conceitos também possui percalços. Assim, são frequentes, no campo laciano, os casos em que o rigor teórico se converte em rigidez. Daí a afirmação de Roudinesco: “Ali onde a IPA impõe a submissão a regras técnicas e deixa a cada um a livre escolha de sua doutrina, o neolacianismo infunde a submissão a uma doutrina reinterpretada, digerida ou repetida como um dogma, deixando a seus membros a livre escolha de sua técnica” (ROUDINESCO, 1989, p. 49).

Cabem mais algumas palavras sobre o dito intelectualismo na psicanálise. Seria possível afirmar que este é, na verdade, a faceta de um elitismo presente na comunidade analítica, a qual estaria pouco aberta àqueles e àquelas que, por motivos variados, possuem uma menor bagagem cultural e/ou intelectual? A pergunta é válida, na medida em que não é possível negar que a comunidade analítica quase sempre revelará em seu seio as mesmas contradições presentes na sociedade como um todo. Assim, há elitismo “dentro” e “fora” da psicanálise.

Dito isso, faz-se necessário esclarecer que a luta contra a vulgarização da psicanálise não se confunde com uma luta contra a popularização da psicanálise. A popularização da psicanálise, se lida enquanto possibilidade de a psicanálise estar ao alcance de mais pessoas, é, na verdade, muito bem-vinda. Algo diferente seria o problema advindo da vulgarização. Esta ocorre, por exemplo, quando os conceitos psicanalíticos perdem sua especificidade e se confundem com o senso comum, degradando-se e diluindo-se.

Talvez a acusação de intelectualismo feita a Lacan possa ser articulada às estratégias que ele adota para o ensino da psicanálise. Sabemos que, em suas falas e escritos, Lacan faz uso de um discurso tortuoso e enigmático, o qual lhe rendeu, inclusive, a alcunha de “o Góngora da psicanálise” (LACAN, 1956, p. 469).

Todavia, ao menos em tese, o estilo obscuro de Lacan traria vantagens, pois indicaria ao psicanalista a importância de, em sua prática, não se deixar levar tanto pela via de uma comunicação que tudo pretende compreender.

Em paralelo, também poderia ser vista como excessivamente intelectual a aproximação que Lacan tenta fazer entre a psicanálise e outros saberes como a lógica, a matemática e a linguística. Mas o recurso a tais disciplinas mostra-se central na busca de Lacan por uma nova forma de se transmitir a psicanálise, formalizando-a. O uso de fórmulas, esquemas e matemas estaria, então, alinhado ao esforço, já mencionado, de “reduzir e destacar” algo do saber acumulado ao longo dos anos da experiência psicanalítica.

A transmissão da psicanálise se reduziria, assim, a um mínimo, o qual incluiria em si mesmo um vazio de sentido. “(...) A estabilidade da religião provém de o sentido ser sempre religioso. Daí minha obstinação em meu caminho de matemas – que não impede nada, mas dá testemunho do que seria preciso para colocar o analista no passo de sua função” (LACAN, 1980, p. 320).

Poderíamos nos perguntar em que essa estratégia lacaniana funciona e em que ela fracassa. Esta reflexão terá de ser deixada para um outro momento. Seja como for, os escritos de Lacan apontam para um caminho concreto, baseado nos conceitos que fundamentam a nossa prática. A via do conceito se configura, então, como um meio de materializar e aterrissar a psicanálise, dando a ela uma especificidade e afastando-a de um discurso que precise apelar para o inefável.

É certo que, ainda hoje, as comunidades psicanalíticas passam por uma série de dificuldades, ora diferentes, ora semelhantes às descritas por Lacan em 1956. Aqui, uma outra pergunta poderia ser colocada: o que há de *específico* no mal-estar vivido pelos psicanalistas nas comunidades analíticas? Em que esse mal-estar difere do mal-estar mais geral, mal-estar na cultura?

Dito de outro modo, questionamos: existe um tipo de impasse, sintoma ou problema que poderia ser considerado como próprio das instituições psicanalíticas, ou seja, que tais instituições necessariamente vão encontrar e enfrentar *por serem psicanalíticas*?

Isto, por um lado, poderia nos fazer pensar sobre a questão transferencial (transferencial no seu sentido mais estrito: relação entre analistas e analisantes). Levantaria-se, então, a hipótese de que o fato de alguns membros dessas instituições analisarem outros teria consequências para as dinâmicas que ocorrem nessas instituições. Por outro lado, Didier-Weill indica que a relação entre divã e instituição pode ser descontínua. “Qual analista não se surpreendeu ao constatar, surpreso, que a inventividade manifestada por um analisando no divã parece amiúde abandonar sua fala quando ele fala na ‘verticalidade’ do espaço institucional?” (DIDIER-WEILL, 1989, p. 16)

Talvez seja possível, então, articular o mal-estar nas comunidades analíticas com uma expectativa exagerada que recai sobre a figura dos analistas. Entre outras coisas, baseamos essa formulação em comentários de corredor que, não raro, dão a entender que algum psicanalista precisaria “voltar para a análise”. Parece-nos que a esse tipo de fala institucional subjaz uma ideia do analista como excepcional. O analista, enfim, entendido como alguém acima da média: mais analisado, mais maduro, mais estudado e assim por diante.

Mas dizer que a comunidade analítica e seus integrantes possuem suas qualidades (entendidas aqui também enquanto especificidades) não coincide com falar destes enquanto excepcionais. Parece haver, então, um deslocamento do específico para o excepcional. E, dentro da comunidade analítica, tal deslocamento poderia dar consistência a uma verdadeira “política de exceção”.

No nosso entender, isso que intitulamos “política de exceção” assumiria formas visíveis diversas. A primeira e mais folclórica delas é constatada na relação que tendemos a estabelecer com o fisco (via de regra, nos reconhecemos sem grandes dificuldades como sonegadores fiscais ou, mais especificamente, nem sequer nos reconhecemos como devedores de impostos, numa forma de posicionamento à margem).

Além disso, a política de exceção poderia ser percebida nos casos de favoritismo e abertura de exceções dentro de instituições de psicanálise. A questão do favoritismo, em particular, pode ser de difícil leitura, uma vez que a noção de

“transferência de trabalho” poderia ser mobilizada para escamotear e justificar decisões enviesadas².

Finalmente, seria preciso lembrar de casos em que nos valemos de uma discursividade analítica em prol dessa política de exceção. São casos de uso (impróprio) de termos como “desejo”, “subversão” e “singularidade” para a legitimação de atitudes individualistas.

Novamente, retornamos aos conceitos e à necessidade de se trabalhar com a teoria de modo rigoroso. Mas aqui é preciso, igualmente, atenção para que o convite a uma leitura rigorosa não seja confundido com a proposição de que tal tipo de leitura reserva-se somente a leitores excepcionais.

Com isso, nos aproximamos de uma última faceta dessa política de exceção. Talvez a mais notável, ela se caracteriza pelo surgimento de figuras de mestria que se elevam e são elevadas a um lugar de todo saber. Não se trata, aqui, de negar a existência de percursos diferenciados nem de fazer ode à horizontalidade. No entanto, uma comunidade psicanalítica não há de funcionar somente a partir do discurso do mestre.

Em “A questão da formação do psicanalista para Lacan”, Didier-Weill tangencia as questões acima ao falar da existência de “sujeitos de exceção” que, supostamente, seriam os únicos capazes de estabelecer uma ponte entre o que se passa na clínica e o que se passa na comunidade analítica:

Prevalece a ideia de que somente um sujeito de exceção (Freud ou Lacan) estaria em condições de ultrapassar tal dualismo e estabelecer uma continuidade entre os dois tipos de discurso. A questão levantada por Lacan é esta: não seria uma defesa objetivar esse sujeito de exceção em uma pessoa? Tal defesa, nesses termos, permitiria não encarar a existência de um Outro sujeito de exceção inteiramente diferente, o sujeito do inconsciente. Mas o que é introduzido pelo sujeito do inconsciente? A possibilidade de um discurso terceiro, em suplência a dois discursos – discurso único, porém dividido. (Alain Didier-Weill, p. 16)

² Não nos parece, contudo, que uma democratização forçosa dos laços poderia “resolver” esse tipo de impasse.

O discurso dividido ao qual Didier-Weill alude traz novamente à cena o caráter ao mesmo tempo específico e inespecífico das palavras (enunciado e enunciação).

O conceito, de certo modo, representa um esforço em direção a um específico. A teoria e os conceitos específicos da psicanálise poderiam representar uma espécie de chão comum sobre o qual as suas comunidades se assentam. Coutinho Jorge, por exemplo, destaca que o desejo de saber é “o verdadeiro laço entre analistas” (JORGE, 2018, p. 10).

Mas, novamente, se significante e significado de fato mantêm entre si uma relação que é móvel, pode-se dizer que, no uso dos conceitos, sempre vai haver margem para o surgimento de contrassensos. A conceituação, portanto, está continuamente sujeita a toda sorte de fracassos (fracassos de sentido). Tais fracassos, contudo, não colocam a psicanálise em xeque se ela for pensada a partir de uma lógica que inclua o contraditório (lógica paraconsistente). A contradição, assim sendo, faz parte da psicanálise³.

Até certo ponto, o caráter potencialmente contraditório de um conceito dá a ver a existência de uma relação entre, de um lado, o que se conserva e, de outro, o que se transforma. Como já dito, no trabalho com os conceitos psicanalíticos, parece mais interessante o movimento que retorna às fontes sem a pretensão de seguir se valendo delas com o mesmo formato.

Há uma dialética, portanto, entre conservação e reinvenção. E cabe colocar que ela não necessariamente nos conduz a qualquer espécie de solução de meio termo⁴.

Da insuficiência à permeabilidade

Há um movimento de abertura promovido por Lacan em seu texto “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. A primeira abertura que

³ Essa abertura para o contraditório fica, também, evidente quando Freud nos lembra que “na análise não encontramos nenhum ‘não’ vindo do inconsciente.” (FREUD, 1925, p. 281)

⁴ Algo que o uso da palavra *Aufhebung* por Freud para falar de sublimação ilustra bem.

notamos concerne aos interlocutores que Lacan supõe em seu texto quando, já na epígrafe, dedica seu escrito a "alguns... e a outros". Sendo este um texto no qual ele critica a situação na qual estava a formação dos e das psicanalistas, que tinha como horizonte a identificação entre analisante e analista, restringindo a psicanálise a uma experiência imaginária e dual, podemos supor que a abertura no campo de interlocução convida uma presença terceira que possa promover as vias de reinserção do simbólico na experiência psicanalítica.

A palavra "outros" tem sua origem no latim *auterū*, que significa diferente, distinto. Num contexto em que a psicanálise produzia e reproduzia a relação dual, estender o campo de interlocução de modo a abarcar o distinto e o diferente pode ser uma estratégia que, primeiramente, retira a psicanálise de seu confinamento dual e, em segundo lugar, propicia a abertura da comunidade analítica aos outros, aqueles que podem ser distintos, aqueles que se diferenciam do projeto suposto da identificação imaginária.

Ao promover essa abertura a uma presença outra no campo de interlocução da psicanálise, Lacan devolve ao campo psicanalítico aquilo que é mais próprio da experiência do inconsciente, marcado pela exterioridade do simbólico em relação ao humano. Se o simbólico se faz por uma relação de exterior, manter a comunidade analítica confinada ao interior e a alguns seria privá-la daquilo que a funda, a saber, a noção de inconsciente. Afinal, a clínica psicanalítica envolve necessariamente a presença externa, uma vez que a ou o analista deve se lembrar que na relação entre analista e analisante há sempre o Outro presente, como já mencionado.

A relação humana com o externo já está dada antes mesmo do nascimento do indivíduo, uma vez que este está inserido numa cadeia simbólica que o preexiste e o sucede. Há uma cadeia simbólica que existe desde antes de seu nascimento e que continuará existindo após a sua morte. Podemos supor, então, que o sujeito que está na ordem da linguagem é apenas um tempo na história, e terá de se referenciar a partir de tudo o que existiu antes dele. Vemos mais uma vez a noção de alteridade como intrínseca à noção de humano. A cadeia simbólica confere à linguagem um caráter "substancial" (LACAN, 1956, p. 475). Isto já estava em Freud, quando este se orienta na análise de seus pacientes por um material que, por vezes, preexiste o

nascimento destes, buscando compreender à qual cadeia histórica, e simbólica, cada um de seus pacientes respondia com seus sintomas.

E isso se observa não apenas na história familiar de cada paciente, como também pode ser observado em um sentido mais amplo de história. Afinal, não nos referimos às históricas de Freud como as "históricas de Viena", cujos sintomas se inscreviam nos códigos da sociedade indicando que a estrutura da neurose histérica persiste, mas a tipologia dos sintomas se movimenta de acordo como o desenvolvimento da cadeia simbólica que dita os códigos sociais?

Já apontamos, que para Lacan "nenhum dos institutos decorrentes de uma filiação que se apoiou em seu nome [de Freud] jamais foi sequer esboçado nesse sentido" (Ibid., p. 476). Esses institutos se apoiaram justamente no contrário: na contenção da palavra pelo silenciamento, na supressão da alteridade e na reprodução do mesmo. E o instrumento para tanto foi justamente a hierarquia.

Lacan compara a hierarquia psicanalítica ao sentido que a democracia assumiu na cidade antiga, "onde a democracia só conhece mestres/senhores" (Ibid., p. 478). Como artifício para abordar a constituição da instituição psicanalítica, Lacan criou quatro denominações que correspondem a quatro modalidades de posição que constituíram a situação das instituições de psicanálise no tempo de seu escrito: Suficiências, Sapatinhos Apertados, Beatitudes e Bem-Necessários.

Numa instituição pautada por uma modalidade de democracia que só conhece senhores e mestres, a hierarquia foi assumida por um *gradus* que foi nomeado por Lacan como Suficiência. Não há como não se espantar diante desse significante da Suficiência que aparece em posição de estruturar uma instituição de psicanálise. Isso porque a Suficiência representa uma oposição à práxis psicanalítica, que se constitui justamente pela insuficiência. É a insuficiência do infans para sobreviver que permite a entrada do Outro a partir do qual se constitui um sujeito. É a insuficiência dos objetos de desejo que, por serem sempre inadequados, permitem a sustentação da metonímia que promove o constante movimento do sujeito em direção ao desejo.

No entanto, negando tudo o que "substancialmente" fundou o campo psicanalítico, no centro de suas instituições foi posta a Suficiência, que, como

coloca Lacan, basta a si mesma. Bastando a si mesma, ela barra a entrada da alteridade. Numa sociedade assim fundada, "a oposição da insuficiência, sugerida por um formalismo puro, é dialeticamente insustentável. A mais ínfima premissa da suficiência ejeta de seu campo a insuficiência" (LACAN, 1956, p. 479).

Fundamentada pela Suficiência, a oposição na instituição só pode existir enquanto velada. Aqueles que teriam algo a dizer que viesse a representar uma presença outra, uma alteridade, recebem o nome de Sapatinhos Apertados. Em nota de rodapé, Lacan justifica a eleição dessa expressão por seu caráter de constrangimento. Representar a alteridade numa sociedade pautada pela Suficiência não encontra outra possibilidade senão o constrangimento. Calando a alteridade ao colocá-la em situação de constrangimento, sobrou a essas instituições criar uma mimetização da fala. A impossibilidade de livre circulação da palavra foi substituída por uma mimetização pautada na reprodução do mesmo. Pela presença das Beatitudes, se reproduz um monólogo que nada tem a dizer que já não tenha sido dito antes. Sua existência é nada mais que o excesso da Suficiência.

Mas, sabendo ser necessário criar nem que seja a ilusão da circulação da palavra para a preservação de uma instituição que se propõe a formar analistas a exercerem a *talking cure*, "sobra aos Bem-Necessários fazer desse silêncio uma exortação, povoando-o com seus discursos" (Ibid., p. 481). Assim como no caso da Suficiência, a nomeação dos Bem-Necessários mais uma vez carrega a conotação de uma contradição aos princípios da práxis psicanalítica. A ética da psicanálise não se trata justamente de não se pautar pelo bem do sujeito? Os Bem-Necessários não estariam então em posição de povoar a instituição com seus discursos com a função de garantir a sustentação e, com ela, o bem da instituição?

Assim, observamos que a presença da alteridade nessas instituições assumiu uma modalidade capenga, uma vez que a alteridade é governada pela hierarquia de uma democracia que só conhece Mestres e Senhores e que portanto não se interessa em ouvir nada novo: "as Suficiências regulamentam a entrada dos Sapatinhos apertados em suas dependências e as Beatitudes lhes apontam aqueles que constituirão os Bem-Necessários" (Ibid., p. 485). Cabe então às Beatitudes fazer a eleição sobre para quem entre os Sapatinhos Apertados pode ser outorgada

a autorização da fala. Cabe a elas eleger quem entre os Sapatinhos Apertados pode mimetizar a reprodução que interessa à instituição ouvir.

Na impossibilidade de presença da Fala, na reprodução de discursos hierárquicos e imaginários e na prática de modalidades de entrada e pertencimento segregatórias, a comunidade analítica passou a ser caracterizada pela partilha de uma língua que poucos sabem falar. Nessa redução do campo simbólico, da língua e da fala, a significação dos conceitos freudianos se perdeu naquilo que Lacan equiparou a uma confusão de Babel. À audácia de supor a superioridade da própria língua, de se pautar numa Suficiência para alcançar o ideal de eu posto como medida do céu, coube a penitência da perda dos contornos de qualquer língua. Quiçá por isso os conceitos tenham se transformado em preceitos vulgarizados, pois na medida em que cada um pode falar sem prestar contas com a presença Outra, testemunha da fala, a fala perde seu compromisso ético de alguém que se responsabiliza por aquilo que diz.

Nesse sentido, poderíamos supor então que a abertura a uma presença Outra proposta por Lacan em 1956 seja uma medida para garantir a prestação de contas da psicanálise e dos e das psicanalistas. A possibilidade de que uma presença exterior, outra, possa adentrar a comunidade e ouvir o que ali se diz implica o compromisso da própria instituição de que nela a língua seja elevada à fala. Implica o compromisso de se evitar o monólogo e provar que ali a língua circula de forma a que a fala tenha sua dignidade elevada à possibilidade de comunicar algo a mais do que já foi dito. Mas essa abertura implica que dentro de uma instituição psicanalítica se possa não apenas falar, como também escutar. Escuta essa que pressupõe disponibilidade para acolher aqueles que chegam com uma nova língua.

Radmila Zygouris (2010) defende ser imprescindível que, em sua formação, o ou a psicanalista circule por outras instituições para além daquela com a qual se identifica. Se articularmos a abertura de Lacan à presença de outros em seu campo de interlocução com essa proposta de que o e a psicanalista em formação possa ter passagem por mais de uma instituição, podemos pensar em um convite a um enodamento onde o campo psicanalítico se faça aberto à entrada daquele que está fora e aos movimentos de saída daquele que está dentro. O campo psicanalítico

passa, assim, a ser composto por uma porosidade, por um entrecruzamento dentro/fora.

É justamente nesse entrecruzamento da proposta de Lacan com a proposta de Zygouris que podemos encontrar o artifício que permite que na formação de psicanalistas opere algo outro que não a mimesis ou a identificação ao eu forte do analista. Aprendemos, no seminário 8 de Lacan (1960), que o analista precisa ocupar a posição de morto para poder promover o constante relançar do analisante em direção a seu próprio desejo. Por não encontrar um desejo do analista onde se pautar, o analisante se relança na procura de seu próprio desejo. Numa formação que opera por uma teoria que defenda a identificação ao eu do analista, há o tamponamento do movimento em relação ao desejo, pois em seu lugar ocupa um ideal a ser alcançado, mimetizado e alvejado.

Como preservar aquilo que Lacan propõe na direção de tratamento clínico dentro do campo da própria formação do analista? Como pode o analista em formação ser constantemente lançado a seu desejo ao invés de ocupado com um ideal? Pensamos que a articulação entre as propostas de Lacan e de Zygouris indicam que a saída para isso está na instituição poder se mostrar e se deixar ver furada. Que ela possa ser não-toda, convidando a presença outra como aquela que pode dizer algo novo à própria instituição. Acolhendo as travessias de seus membros sabendo que naquilo que estes visitam do lado de fora, há algo novo para trazer ao interior, inclusive o fracasso.

O fracasso como causa

A questão do fracasso é relevante para a psicanálise se considerarmos que aquilo que fracassa pode operar como causa na clínica, na pesquisa e na comunidade analítica.

Por vezes, o movimento de pesquisa se dá a partir de ideias que não se sustentam ou de perguntas sem respostas, que abrem caminhos para investigação. No início do Seminário 11, Lacan fala em dois tipos de pesquisa: “aquele em que se procura e aquele em que se acha” (LACAN, 1964, p. 15). Naquela ocasião, ele

aproxima a psicanálise da segunda perspectiva. No projeto que fundamenta o Instituto Vox, Dias retoma Lacan para articular a formação do analista com a pesquisa, colocando esta “como elemento que nomeia a presença da causa do desejo” (DIAS, 2022, p. 14). O percurso de uma pesquisa, contudo, será marcado por “encontro faltoso, perda e reinvestimento” (Ibid., p. 02).

Algo similar pode ser testemunhado no decorrer de uma análise. Muitas vezes, a busca por análise se dá em decorrência do fracasso de uma dinâmica que até então funcionava ou de um equilíbrio que vinha se mantendo, mas foi perdido. Da mesma forma, há nas neuroses repetições que poderiam ser lidas como tentativas de evitação do fracasso. O analista, então, surge como detentor de um saber a respeito dos fracassos, bem como das soluções para os mesmos. Nos divãs, escuta-se algo como: "O que fazer para não errar novamente? Como fazer para não mais fracassar?"

A e o psicanalista sabem, entretanto, que o tratamento analítico não se confunde com dar respostas a essas perguntas. Tampouco, nossa prática teria a ver com evitar que os insucessos ocorram; tarefa impossível. Os repetidos fiascos e insucessos serão, contudo, narrados e escutados, podendo dar ensejo a movimentos de elaboração.

Assim, tanto em uma pesquisa como em uma análise, não há meios de interrupção da sucessão de desencontros e fracassos. Faz-se necessária, então, uma abertura ao fracasso e à angústia decorrente disso. Motor da psicanálise e de cada análise, o fracasso pode indicar o que está por vir e motivar novas modalidades de significações e de enlaçamentos.

O próprio surgimento da psicanálise é articulável ao fracasso, pois não fosse o fracasso da medicina no tratamento das histéricas, não haveria o surgimento da *talking cure*, inovador método de Freud para dar conta dos sintomas que desafiavam a comunidade médica de sua época.

Mas se o fracasso é fundante e parte constitutiva da psicanálise, é de se questionar os porquês da usual dificuldade que temos em contornar aquilo que não opera ou não funciona nas nossas comunidades.

O desafio da formação do psicanalista, portanto, em suas diferentes comunidades, se renova através do tipo de tratamento que se dispensa aos fracassos de seus laços. O problema se acentua quando se visam a constituição de laços que evitam o fracasso. Daí o estrondo de algumas rupturas (Ibid., p. 15).

Por outro lado, seria possível refletir sobre os ideais que estão em cena nas comunidades psicanalíticas. Em outras palavras, pensar no que se entende pelo “sucesso” da psicanálise ou de uma instituição psicanalítica. O ideal de uma comunidade, poderia, por exemplo, estar ligado ao número de psicanalistas ou à ressonância das produções dela. Um outro índice de “sucesso” poderia ser a longevidade de uma instituição, o que, sem dúvidas, seria relacionável à preocupação de Freud com a perpetuação da psicanálise no mundo.

Enfim, o modo como uma instituição de psicanálise lida (ou deixa de lidar) com seus impasses, furos e sintomas diz da maneira pela qual o fracasso é ali tratado. Sabemos que falar do que fracassa é delicado. Mas há de se perguntar o que poderia acontecer caso o silêncio nas instituições de psicanálise fosse rompido e os fracassos pudessem ali comparecer de modo “produtivo”, sem se ater a uma concepção que o igualaria à falência de um projeto.

Para Dias (Ibid., p. 15), não há solução para a formação do analista que evite conflitos e identificações. Diante disso, seria necessário suportar que algumas questões irão se manter em aberto, o que não significa um descompromisso com tais questões. Assim, conflitos e fracassos são reconhecidos e seguem operando, não havendo pressa em se encontrar uma “solução” ou “resposta”.

Cabe, então, perguntar: seria possível estabelecer com o fracasso uma relação que não seja somente de impotência e melancolia com aquilo que não se sustenta? Ou ainda: seria possível entender o fracasso como causa do desejo, como causa na formação do analista?

Como uma comunidade analítica se congrega? O laço dentro de uma comunidade analítica seria também a possibilidade de acolhimento dos fracassos não como marcas de impossibilidade de trabalho, mas, pelo contrário, como aquilo que impulsiona as diversas tentativas de construção de um trabalho, de uma pesquisa ou de uma análise.

Epílogo

Seria possível dizer que nosso trajeto desemboca em uma espécie de aposta. Hipótese/aposta de que o trabalho com algo de nossa especificidade (conceitos, contornos e limites) representaria uma queda necessária ao e à psicanalista, bem como à psicanálise, *aterrissando-os*. A e o psicanalista, então, não mais precisariam pautar sua relação com a(s) comunidade(s) (psicanalíticas ou não) pela distância, pelo inefável e pelo silenciamento.

Aterrissar a psicanálise é, enfim, pousar a psicanálise. Aqui cabe compartilharmos uma associação, a partir de um significado corrente no interior do Paraná e de São Paulo: "pousar" é também passar a noite em determinado lugar. Em contrapartida, "dar pouso" é dar abrigo, receber alguém. Pousar a psicanálise liga-se assim à questão da hospitalidade.

A hospitalidade indica uma ética. Em épocas nas quais as relações com o espaço e o tempo eram outras, mesmo o estrangeiro (o forasteiro) tinha garantido pouso. O estrangeiro, entre o fascínio e o medo, a curiosidade e a ameaça, talvez pudesse ter o benefício da dúvida - frisamos, dúvida, não certeza.

Desde pelo menos "Das Unheimliche", texto de Freud de 1919, falar sobre o estranho e o estrangeiro em psicanálise não é qualquer coisa. A própria dificuldade em traduzir o título para o português demonstra o efeito de estranheza que esse texto pode causar. Notemos, antes de mais nada, como o próprio título indica desde a saída a questão do território para, em seu movimento, indicar que o sujeito é seu próprio estrangeiro, o que se esclarece na cena vivida por Freud e relatada no trecho abaixo:

Viajava só, no vagão de leitos de um trem, quando, numa brusca mudança de velocidade, abriu-se a porta que dava para o toalete vizinho e apareceu-me um velho senhor de pijamas e gorro de viagem. Imaginei que ele tivesse errado a direção, ao deixar o gabinete que ficava entre dois compartimentos, e entrasse por engano no meu compartimento, e ergui-me para explicar-lhe isso, mas logo reconheci, perplexo, que o intruso era minha própria imagem, refletida no espelho da porta de comunicação. Ainda lembro que a figura desagradou-me profundamente. (FREUD, 1919, p. 369-370)

Um próximo passo seria, então, numa articulação entre espaço e subjetivação, promovermos um deslocamento do território para a superfície. As consequências de um tal deslocamento não são poucas, pelo menos para a teoria psicanalítica e para sua técnica: é aqui que encontramos as elaborações topológicas de Lacan. Um exemplo disso é o modo como Lacan, a partir da banda de Moebius, formulará a ideia de "êxtimo". Nesse sentido, poderíamos lembrar da terceira via enunciada por Lacan entre vida privada e vida pública - uma "vida psicanalisada" - como uma tentativa de estar à altura dessa transformação de sua concepção de espaço.

Na passagem, enfim, entre o dentro e o fora, chegando ao ponto em que há uma verdadeira dissolução desse par de oposições em favor de algo inédito (com a garrafa de Klein e suas tantas dimensões), há um ponto em que íntimo e público se encontram⁵. Considerar a sério as relações entre *domus* e *polis* desde esse ponto de vista nos implica: falar de política em Psicanálise se transforma, então, em poder falar da política da Psicanálise.

⁵ As vociferações dizem, então, tanto de uma posição do sujeito frente a "suas questões" quanto ao próprio espaço em que esse sujeito pode encontrar tais questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, M. M. *De Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, Para Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise*. São Paulo, 2022. Projeto Institucional. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/projeto-institucional/>

DIDIER-WEILL, A. *A questão da formação do psicanalista para Lacan*. In: Lacan e a formação do analista – Jorge, M. A. C. (org). Contra Capa, 2018 / 1989

JORGE, M. A. C. *Lacan e a formação do analista*. Contra Capa, 2018

FREUD, S. *Contribuição à história do movimento psicanalítico*. In: Obras completas, volume 11. Companhia das Letras, 2012 / 1914

FREUD, S. *Caminhos da terapia psicanalítica*. In: Obras completas, volume 14. Companhia das Letras, 2010 / 1919

FREUD, S. *O inquietante*. In: Obras completas, volume 14. Companhia das Letras, 2010 / 1919b

FREUD, S. *A Negação*. In: Obras completas, volume 16. Companhia das Letras, 2011 / 1925

FREUD, S. *A questão da análise leiga*. In: Obras completas, volume 17. Companhia das Letras, 2014 / 1926

LACAN, J. *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*. In: Escritos. Jorge Zahar, 1998 / 1956.

LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. 1998 / 1957.

LACAN, J. *O Seminário, livro 8 - a transferência*. Jorge Zahar, 2010 / 1960.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar, 2008 / 1964.

LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. Outros escritos. Jorge Zahar, 2003 / 1967.

LACAN, J. *Carta de dissolução*. In: Outros escritos. Jorge Zahar, 2003 / 1980.

MIELI, P. *Algumas considerações relativas ao relatório do consórcio psicanalítico sobre a formação analítica. Carta aberta aos colegas americanos*. In: Lacan e a formação do analista – Jorge, M. A. C. (org.). Contra Capa, 2018 / 2004.

ROUDINESCO, E. *Retraimento individual e mal-estar coletivo* In: Lacan e a formação do analista – Jorge, M. A. C. (org.). Contra Capa, 2018 / 1989.

WAHRIG-BURFEIND, R (Org.). *Wahrig: dicionário semibilíngue para brasileiros/alemão*. WMF Martins Fontes, 2011.

ZYGOURIS, R. “Por uma psicanálise laica” [entrevista a Sister et al.] – Percurso 45, ano XXIII, dez, 2010. Disponível em:

https://revistapercurso.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=138&ori=edicao&id_edicao=45